

Santa Maria do Monte Carmelo e da vida interior

A Liturgia mariana do Carmelo

MANUEL DIEGO SÁNCHEZ, OCD

Salamanca

Como se venera e celebra Maria dentro do Carmelo? Queremos oferecer o testemunho litúrgico de uma antiga família que, ao longo da sua história, tem repensado constantemente as suas relações espirituais com a Mãe de Jesus. E também o fez recentemente por ocasião da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II. Daí que possamos constatar o ânimo espiritual com que se recorda Maria dentro do Mistério de Cristo. Ela, que é tudo dentro desta Ordem («O Carmelo é todo de Maria»), continua a inspirar o caminho daqueles que se chamam seus Irmãos. Que estas páginas sirvam para demonstrar uma forma tão peculiar de venerar Maria no seio da Igreja.

Embora não tenhamos nenhuma referência mariana explícita no texto da Regra Carmelita, sabemos, no entanto, que o simples gesto de dedicar a primeira capela, situada no meio das celas, a Nossa Senhora, foi decisivo para o futuro ficar marcado pelo carácter mariano da Ordem desde as suas origens. Foi um acontecimento da vida, não uma norma ou determinação legal, que suscitou de forma natural a devoção mariana desta família. O patrocínio sobre a primeira casa do Monte Carmelo, junto à fonte de Elias, estender-se-ia em pouco tempo a toda a Ordem, quando o primeiro grupo cresceu e se mudou da Palestina para outras partes do Oriente e da Europa. Eram relações mútuas, de intercâmbio, nas quais a proteção e o favor contínuos da Senhora do lugar para com os Irmãos se traduziram imediatamente em serviço de culto que expressava a sua dedicação, devoção e agradecimento — numa palavra, um serviço litúrgico como a expressão mais plena da consagração mariana. Nestas poucas linhas, quisemos descrever os elementos mais originais da devoção mariana do Carmelo e que estão na base da sua própria Liturgia mariana, inseparável daqueles primeiros momentos vividos no Monte Carmelo por aquele grupo de cruzados latinos, convertidos em eremitas por volta das primeiras décadas do século XIII¹.

¹ Sobre a devoção mariana do Carmelo, pode-se consultar L. SAGGI, *Santa María del Monte Carmelo*, em VV.AA., *Santos del Carmelo*, Madrid, EDE, 1982, pp.153-189; ILDEFONSO DE LA INMACULADA, *La Virgen de la Contemplación*, Madrid, EDE, 1973 (Logos 15); E. LLAMAS, *La Virgen María en la vida y misión del Carmelo Reformado*, em VV.AA., *María en los Institutos Religiosos* (Madrid 1988) pp.65-87; AA.VV., *María icona delta tenerezza del Padre. La spilitualita mariana nell'esperienza del Carme*10 (Palermo 1992) 266 p.; NILO GEAGEA, *María, Madre y Reina del Carmelo. La devoción a la Virgen en el Carmelo durante los tres primeros siglos de su historia* (Burgos 1989)

A atual liturgia mariana do Carmelo, tradicional e nova ao mesmo tempo, incorporou outros valores que foram sendo acrescentados ao longo do tempo e foi notavelmente enriquecida com a última iniciativa reformadora na sequência do Concílio Vaticano II. É esta liturgia que aqui queremos analisar, oferecendo alguns critérios de interpretação, principalmente pela celebração anual do 16 de julho, a solenidade mariana mais importante do calendário carmelita².

1. RITMOS DA LITURGIA MARIANA DO CARMELO

Para situar e compreender a solenidade mariana mais importante da Ordem, não se deve entendê-la e explicá-la isoladamente, apenas pela sua frequência anual (16 de julho), mas dentro de um quadro muito mais amplo, o ano litúrgico que celebramos com toda a Igreja. É uma pista metodológica, a ter em conta, que é muito importante.

Para os carmelitas, o dia 16 de julho é a festa central do seu próprio calendário litúrgico, é o «culminar» da sua vida litúrgica e da sua consagração mariana, tal como é a Páscoa para nossa vida cristã.

De facto, ao ritmo mariano da Igreja (Advento, Natal, festas e solenidades marianas), como carmelitas, acrescentamos a nossa liturgia mariana específica, que tem a seguinte frequência:

- *diária*, com a «memória quotidiana» da Virgem na Oração Eucarística³, e a antífona mariana depois de Completas.

- *semanal*, no sábado a ela consagrado, passado em seu louvor, que se concentra na Eucaristia e na Liturgia de Santa Maria no sábado⁴ (quando possível), de forma mais discreta quando a liturgia não o permite, e com o canto solene da *Salve Regina*, ato litúrgico próprio em que, como «irmãos», a invocamos como pertença da sua família.

- *anual*, uma vez que desses dois ritmos marianos mencionados anteriormente, a *solenidade anual* torna-se o culminar, a lembrança mais importante que nos congrega em ação de graças e reconhecimento para com a Padroeira da Ordem. Esta data de 16 de julho torna-se, portanto, a síntese da nossa liturgia, meta do nosso caminhar carmelita, com Ela e junto a Ela⁵.

² Cf. M. DIEGO SÁNCHEZ, *Las fuentes del «Proprium Missarum» OCD*, em Monte Carmelo 85 (1977) 209-228; ID., *Hacia una liturgia carmelitana. Contenido teológico del nuevo «Proprium Missarum» OCD*, em *Ephemerides Carmeliticae* 29 (1978) 394-434; ID., *El leccionario bíblico do «Proprium Missarum» OCD*, em *Teresianum* 37 (1986) 441-460; J. CASTELLANO CERVERA, *El impacto de la doctrina mariana do Concílio Vaticano II en la familia del Carmelo Teresiano*, em *Marianum* 45 (1983) 479-504.

³ Assim fala dela Paulo VI na encíclica «*Marialis Cultus*» n. 10: *Uma tal evocação quotidiana, pelo lugar em que foi colocada, no coração do Sacrifício divino, deve ser considerada forma particularmente expressiva do culto que a Igreja tributa à «Bendita do Altíssimo»*

⁴ Paulo VI, na «*Marialis cultus*» n. 9, fala dela como de uma *memória antiga e discreta, que a flexibilidade do atual Calendário e a multiplicidade dos formulários do Missal tornam extremamente fácil e variada.*

⁵ Que a solenidade de 16 de julho tenha este carácter de meta e cume de toda a liturgia carmelita, como a Páscoa do ano litúrgico cristão prova o detalhe da memória mariana prevista no Próprio da Ordem para o dia 23 de julho (Santa Maria Mãe da Divina Graça), a modo de «oitava», destacando assim a centralidade

2. A PALAVRA CELEBRADA E MEDITADA DIA E NOITE

Outro detalhe prévio, metodológico, que não se deve esquecer é de que esta liturgia mariana não é qualificada nem determinada por elementos como hinos, antífonas, orações, preces, etc., mas pela Palavra de Deus que é proclamada, sobretudo pela leitura evangélica que condiciona a escolha e interpretação do resto dos elementos que convergem na celebração. E isto que dizemos, serve tanto para a Eucaristia como para a Liturgia das Horas desse dia, uma vez que elas se unem de forma prática, graças às antífonas do *Benedictus* e do *Magnificat*.

Parece-nos que existem dois textos evangélicos que podem servir de catalisador e fonte de interpretação para toda esta liturgia mariana:

• *João 19, 25-27*, lido na Eucaristia do dia, em cuja atualização litúrgico-carmelita, devem ser tido em conta estes possíveis critérios, além dos que normalmente suscita esta passagem evangélica numa celebração eclesial:

- a) A Hora da Cruz, como a hora suprema do Filho e da Mãe;
- b) a Maternidade de Maria sobre os irmãos de Jesus («eis a tua Mãe» - «recebeu-a em sua casa») como fundamento de qualquer outra relação com ela; portanto, também com a Ordem;
- c) a Maternidade de Maria sobre os irmãos da Ordem;
- d) o Calvário, *Monte* da presença de Deus, da revelação da sua glória, lugar do sacrifício do Filho elevado sobre o mundo, e lugar da entrega da Mãe aos seus irmãos («eis o teu filho»);
- e) «junto à Cruz de Jesus» estava sua Mãe.

Desta forma, um Evangelho tão breve e repetido, o mais tradicional e ligado a esta liturgia desde que foi concedido à Reforma teresiana de antigamente⁶, torna-se o fundamento da maternidade e patrocínio de Maria sobre os Carmelitas, que têm a sua raiz e razão de ser na vontade de Cristo; enraíza-se no próprio momento em que ela é constituída Mãe espiritual de todos os homens e é um desenvolvimento ou

daquela e prolongando a sua memória até 8 dias depois e dando mesmo um certo carácter mariano a todo o mês de julho. (N.R. O calendário litúrgico da Ordem foi, entretanto, alterado e esta Memória passou a ser celebrada 7 de julho).

⁶ O historiador Jerónimo de San José OCD faz uma curiosa relação entre o escudo do Carmelo teresiano e este evangelho: *A Reforma conheceu estes fins do Céu, e conformando-se com eles, e abraçando esta bandeira como troféu próprio, colocou-a no escudo das suas armas, plantada no cume do Carmelo, que está representado no próprio escudo. De modo que aquela ponta, que entre as duas estrelas, deixando outra mais abaixo no meio, subia afinando-se e ficava sem remate, agora servindo de haste para os braços da Cruz, termina nela, com graça particular, acrescentando ao antigo escudo do Carmelo mistério e beleza. Parece também que a nossa Santa Madre a Igreja atendeu a esta providência divina, indicando à nossa Reforma a maior solenidade da Ordem, que é a de Nossa Senhora do Carmo, celebrada a 16 de julho, o Evangelho Stabat autem iuxta Crucem Iesu Mater eius, que é o Evangelho da Cruz, de Jesus e de Maria, que são a coroa e a empresa da Reforma, como antes dela esta festividade tivesse outro Evangelho sem menção da Cruz: publicado em História do venerável padre Fr. Juan de la Cruz ... (Madrid 1641) pp.122-123.*

aprofundamento desse Mistério; não depende de outras circunstâncias posteriores da vida da Ordem, que no máximo explicam e concretizam este dado de fé.

Além disso, este texto joanino (implicitamente) já suscita no nosso espírito o símbolo do *Monte*, chave deste título mariano e motivo com o qual se usará repetidamente nesta liturgia. Ele oferece a necessária base bíblica, salvífica e cristológica.

• *Lucas 1, 39-56*, lido como evangelho do Ofício de Vigília na Liturgia das Horas. É um texto que entra agora pela primeira vez e que traz notáveis vantagens na hora de unificar toda a oração eclesial do dia, desde uma perspectiva eminentemente contemplativa. É a sensibilidade espiritual do Carmelo que lê nesta passagem evangélica com dimensões antigas e novas:

a) Maria partiu para a «montanha», como se fosse o itinerário emblemático da sua existência terrena, até subir ao monte Calvário para oferecer o Filho e receber a Sua última vontade salvífica;

b) é a Mãe do Kyrios, do Senhor, como Isabel reconhece (Lc 1, 43), aquela que caminha no meio de Israel, levando a presença da glória de Deus em seu seio; é, portanto, o percurso da arca da aliança, até que seja instalada em Jerusalém;

c) aqui e noutros lugares do evangelho de Lucas, é-nos assegurado que Maria é uma mulher orante, cheia do Espírito Santo, que tem necessidade de se expressar na sua condição de filha de Deus;

d) o *Magnificat* é a oração inspirada e pública de Maria, toda ela feita de louvor e ação de graças, a Oração Eucarística da sua vida, como texto que recolhe os sentimentos fundamentais de uma existência dedicada a Deus;

e) a oração de Maria (*Magnificat*), com todo o direito, é também a oração dos seus filhos e irmãos da família do Carmelo, na qual se inspiram para a sua relação com Deus;

f) nesta oração mariana, somos ensinados a reconhecer a primazia do dom de Deus em nós («O Todo-Poderoso fez em mim grandes obras») e a fidelidade divina aos seus projetos de salvação («como havia prometido a nossos pais»).

A oração de Maria, da Mãe e Irmã, torna-se assim o caminho espiritual do Carmelo, um tema que será abundantemente abordado noutras partes da liturgia deste dia, mas sempre visto a partir daqui, ou seja, a partir da própria experiência orante da Virgem⁷.

Com estes dois textos evangélicos, centrais na celebração mariana deste dia, os restantes elementos utilizados, não fazem mais do que explicitar, completar, prolongar, comentar, fazer oração do que neles já está contido. Sem dúvida, são o ponto focal desta liturgia e, portanto, o melhor princípio de interpretação de todo o conjunto disposto para esta ocasião. Tenha-se em conta, portanto, este princípio de metodologia que pode

⁷ Cf. J. CASTELLANO, *Il Magnificat nell' esperienza spirituale del Carmelo*, in *Mater Ecclesiae*. Roma 13 (1977) 110-119.

ajudar a traçar uma visão mais orgânica e unitária de toda esta celebração, à primeira vista dispersa e heterogénea por querer refletir tantos dados da espiritualidade carmelita.

Por outro lado, confirma-se uma lei litúrgica fundamental: a Palavra é o veículo, o sinal do nosso louvor. Deus fala-nos, e nós respondemos com a Sua própria Palavra, a única digna d'Ele. Uma lei que também é respeitada na composição de textos litúrgicos eclesiais, estes como ressonância da Palavra proclamada. Daí que o elemento verbal adquira aqui uma conotação especial: a Palavra de Deus, a palavra da Igreja e a Palavra do Carmelo unem-se e fundem-se para formar uma única Palavra, uma oração inspirada pela mesma voz divina e pela voz humana dos séculos de tradição orante do Carmelo. Cruzam-se, portanto, a linguagem divina, humana e mística. Isto explica a variedade, a qualidade e inspiração literária dos elementos que fazem parte desta liturgia mariana que estamos a analisar.

3. O MONTE CARMELO: SÍMBOLO MÍSTICO-LITÚRGICO

Desde a tradição bíblica (Sinai – Horeb – Carmelo – Sião – Tabor), desde a Patrística, desde a própria tradição espiritual («Subida do Monte Carmelo»), a liturgia aproveita o título mariano mais original (Santa Maria do Monte Carmelo) para o colocar, também de uma perspetiva espiritual, dentro da mesma celebração. O Monte Carmelo, monte fértil, ligado à presença de Elias, significaria tudo isto:

- Lugar da presença e glória de Deus,
- lugar de oração e encontro com Deus face a face,
- meta-cume de uma subida ou escalada espiritual,
- Cristo, cume e meta da vida espiritual,
- lugar da nossa união com Deus,
- lugar da presença de Maria, que acompanha os seus filhos.

Todos estes planos e possíveis variantes bíblicas, de claro significado simbólico, cruzam-se e intercalam-se nesta liturgia mariana. A nossa sensibilidade deverá saber aproveitá-los e colocá-los de modo a uma interpretação coerente e não contraproducente. Fazendo uma enumeração dos elementos que se servem do símbolo do monte, chegamos a este resultado:

- Salmos do Ofício Leitura (23, 45, 86) e respetivas antífonas.
- Cânticos do AT da Vigília (Is 2 + 61 + 62).
- Salmos graduais de II Vésperas (121, 126).
- Leitura AT na Eucaristia e Ofício das Leitura (1Re 18): Elias no monte Carmelo.

Não se trata de uma seleção arbitrária, foi criada depois de uma boa releitura das páginas bíblicas a partir da própria tradição carmelita, tornando assim muito mais presente, na liturgia, este aspeto tão característico e, ao mesmo tempo, interpretativo do próprio título mariano.

Na realidade, todos estes elementos estão reunidos na nova coleta do dia, onde é ainda mais explícito o uso simbólico do monte e poderíamos até dizer que fica resolvido no seu significado principal, quando se pede: «que cheguemos ao cume do monte da perfeição, que é Cristo»⁸. O Monte é Cristo, na medida em que é a plenitude da revelação divina, da presença, da glória e do poder divinos. Numa palavra, o símbolo fica concentrado e explicado ao mesmo tempo numa pessoa, Jesus, que não só resolve o que o símbolo dá a entender, mas até o supera, deixando claro o seu carácter incompleto, porque Ele é o cume, a veia do monte e, ao mesmo tempo, o caminho e a via que conduz a esse monte. Desta forma, o título mariano fica incluído na própria doutrina mística do Carmelo, e assim Maria é a realização mais completa e acabada desta mensagem espiritual.

Podemos considerar estas referências ao Monte Carmelo e o aproveitamento simbólico do mesmo, como uma das melhores consequências da nova liturgia da Ordem, nunca usada assim até agora.

4. A VIA DA BELEZA

É uma das formas tradicionais utilizadas pela Liturgia e que agora foi abundantemente recuperada para se dirigir a Deus (como sinal da sua passagem criadora), mas também a utiliza para falar de Maria, a «cheia de graça», na Liturgia⁹. Um livro litúrgico onde esta forma está muito presente é a «Coleção de Missas marianas» publicada por ocasião do Ano Santo Mariano de 1987.

É preciso dizer que nesta liturgia mariana já estava presente («tem a beleza do Líbano, a formosura do Carmelo e do Saron»), pela própria tradição bíblica do Carmelo, devido à sua verdura e fertilidade.

Neste caso essa beleza reside nas virtudes da Virgem Maria, que são o seu vestido de gala e o seu traje de triunfo (leitura breve das Laudes)¹⁰. Mas é preciso reconhecer que esta apresentação, desde a perspectiva do AT, já estava clara na antiga liturgia mariana da Ordem.

Mais concretamente, as três antífonas de Laudes (algumas extraídas e outras inspiradas no NT) pretendem a mesma finalidade. A virgindade de Maria é a máxima demonstração dessa beleza¹¹, mas também a saudação do anjo Gabriel («Cheia de Graça») e de Isabel («Bendita és tu entre as mulheres») são a expressão mais completa

⁸ O texto clássico centra-se mais no título mariano da Ordem. Este inciso tão recorrente provém da coleta da antiga festa de Santa Catarina, a filósofa, já desaparecida do calendário e do missal romanos, na qual se aproveitava a tradição de que o seu corpo tinha sido transportado pelos anjos para o monte Sinai. Cf. M. DIEGO SÁNCHEZ, *Hacia una liturgia carmelitana*, a.c., pp.423-425.

⁹ Cf. I. MURILLO, *El camino de la belleza en Mariología*, em *Ephemerides Mariologicae* 45 (1995) 193-205.

¹⁰ *Tem a glória do Líbano, a formosura do monte Carmelo e da planície de Saron. Verão a glória do Senhor e o esplendor do nosso Deus.* Is 35, 1-2.

¹¹ *Sois ditosa, Virgem Maria, geraste Aquele que Vos criou e permaneceis Virgem para sempre.* (Ant. 3).

e a razão mais clara da beleza de Maria¹², isto é, pelo vínculo a Jesus, seu Filho, através da maternidade e da virgindade.

Enquanto a Igreja e a Ordem não são alheias a tal caminho estético. Há uma proposta que implica seguimento noutra antífona e nessa resposta do salmo responsorial, proveniente, por sua vez, de uma antífona da solenidade da Imaculada: «Chamai-nos para Vós, ó Virgem Imaculada; correremos atraídos pelo aroma dos vossos perfumes» (Ant. 3).

A proveniência da sua fonte de inspiração no Cântico dos Cânticos (1,3), bem como a possível ampliação da referência ao «bom perfume de Cristo» paulino (2Cor 2, 15), completam ainda mais o panorama da percepção sensorial do crente. Nesta mesma linha move-se a antífona do *Magnificat* de I Vésperas, quando pede: «Adornai com as vossas virtudes a família a Vós consagrada, e defendei-a sempre de todos os perigos».

5. MARIA, MULHER ORANTE

É um motivo que se apresenta desde o ideal carmelita, uma vez que a Ordem, nesta liturgia, é como se relese e interpretasse a vida e a figura de Maria desde o seu próprio carisma e espiritualidade. Por outras palavras, projeta-se sobre o Mistério de Maria.

Além do Evangelho do Ofício de Vigília (Lc 1, 39-56) anteriormente analisado, esta ideia é bem evidente nas três antífonas das II Vésperas: a oração de Maria («Eis a escrava do Senhor»), a sua atitude de mulher orante em Nazaré (Maria escutava a Palavra de Deus e guardava-a, meditando-a em seu coração) e a vida de oração com a primeira comunidade do Ressuscitado, esperando o Espírito Santo (Os apóstolos entregavam-se assiduamente à oração, numa só alma, com Maria, a Mãe de Jesus).

Podemos dizer que, para a Ordem, ela vive assim, penetra e aprofunda o Mistério do Filho, através da oração. Por meio da oração, compreendeu a vontade do Pai para o seu Filho e para a sua missão materna¹³.

Acreditamos que a anterior liturgia carmelita não acentuava de forma alguma essa dimensão particular que, no entanto, era tão tradicional à sua espiritualidade. Finalmente, infiltrou-se, graças à renovação litúrgica do Vaticano II, na própria celebração, uma vez que se trata de um aspeto evangélico que a Ordem sempre destacou de forma especial.

¹² *Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres.* (Ant. 2).

¹³ A presença de outros dois textos bíblicos neste dia, 1Rs 18 (Elias orando no Monte Carmelo) e Gl 4, 4-7 (Nascido de mulher para nos dar a adoção de filhos), pode considerar-se como ratificação desta dimensão orante aplicada à Virgem. O texto de 1Rs era muito tradicional nesta liturgia carmelita.

6. MARIA, MODELO DE VIDA ESPIRITUAL

Não apenas como Virgem orante, a liturgia deste dia quer recordar outro aspeto, a de crente que cumpre fielmente o Evangelho do seu Filho, Jesus Cristo, em quem crê e espera como seu único Salvador.

Assim, as Preces das II Vésperas, uma peça unitária de composição eclesial absolutamente nova, vai fundindo as petições das Bem-aventuranças e outras palavras de Cristo que sua Mãe cumpriu de forma fiel:

— Vós que proclamaste: «Felizes os pobres que o são no seu íntimo, porque deles é o Reino dos Céus»,

— Vós que prometeste: «Felizes os puros de coração, porque hão de ver a Deus»,

— Vós que disseste: «Felizes os que acreditaram sem terem visto»,

— Vós que exortaste: «É necessário orar sempre, sem desanimar»,

— Vós que pediste ao Pai: «Quero que aqueles que Me destes, onde Eu estiver, também eles estejam comigo»...

Trata-se de uma ideia muito original, que também constitui uma autêntica novidade e pode ser considerada como a contribuição mais original do nosso tempo. Com elas, o património litúrgico mariano do Carmelo fica notavelmente enriquecido.

E desde aqui, a partir deste viver e cumprir o Evangelho do seu Filho, ela pode falar-nos com a autoridade espiritual de «Mãe», como parece indicar a seleção de textos sapienciais (livros bíblicos a que sempre se recorreu na liturgia eclesial mariana) que se reservam para as leituras breves (Prov 8 + Sir 24) e nos quais a Sabedoria de Deus, personificada em Maria, nos fala como filhos.

— «Escutai a exortação para serdes sábios e não a desprezeis. Feliz o homem que me escuta, que vela dia após dia às minhas portas e é assíduo nos umbrais da minha casa. Porque quem me encontrar encontra a vida e obtém a complacência do Senhor» (Prov 8, 32-34: Tércia).

— «Em sua presença exerci o meu ministério na santa morada, e assim me fixei em Sião. Encontrei o meu descanso na cidade escolhida, e em Jerusalém exerço o meu poder. Lancei raízes no meio de um povo glorioso, no domínio do Senhor, na sua herança» (Sir 24, 15-16: Sexta).

— «Como a videira, lancei rebentos graciosos, e as minhas flores são fruto de glória e de riqueza. Eu sou a mãe do amor formoso, do temor, da ciência e da santa esperança. Em mim está toda a graça do caminho e da verdade, em mim está toda a esperança de vida e de virtude» (Sir 24, 23-25: Noa).

Seria também uma afirmação de um certo «magistério» espiritual mariano entre os membros da Ordem, que a contemplam como mãe solícita que ensina os seus filhos a trilhar os caminhos do espírito, mãe e mestra de vida espiritual¹⁴. Mas não termina aqui a visão carmelita-litúrgica de Maria.

¹⁴ Esta tese carmelita parece ter sido confirmada no livro litúrgico que surgiu na sequência do Ano Santo Mariano, a nova «Coleção de Missas Marianas», onde existe um formulário intitulado «Nossa Senhora da

7. MARIA, MODELO DE VIDA CARMELITANA

A Virgem também é considerada no Carmelo como o melhor modelo ou tipo de vida carmelita. Esta era uma referência contínua da nossa tradição mística, mas que agora, como nunca, foi filtrada pela liturgia ou refletida nela. Os três formulários de Preces para o Ofício Divino do dia, têm muito em conta esta modalidade, sobretudo as das I Vésperas e Laudes. O melhor de tudo é que vem proposto com uma linguagem teresiana e sanjoanista:

- Palavra única do Pai, pronunciada no eterno silêncio (Laudes).
- Cristo, Esposo da Igreja (Laudes).
- Peregrinando na noite da fé, nunca nos falte a companhia e proteção de Maria (II Vésperas).

Nestas preces faz-se também alusão a elementos fundamentais da nossa vida, como estes provenientes da Regra Carmelita:

- Servindo fielmente a Maria, com ela mereçam viver em obsequio de Cristo (I Vésperas).
- Concedei aos nossos irmãos defuntos, que com Maria permaneçam no vosso amor (I Vésperas).

Deste modo desdobra-se o serviço-consagração a Cristo da Regra (viver em obsequio de Jesus Cristo) em serviço a Cristo e Maria.

E também nelas se faz referência a aspetos básicos da vida carmelita:

- Procurem sem cessar a vossa face e trabalhem generosamente para a salvação dos homens (Elias) (I Vésperas).
- Perseverem unidos na oração, com Maria, Mãe de Jesus, e sejam um só coração e uma só alma (I Vésperas).
- Escutar e proclamar fielmente a Palavra de Deus (Laudes).
- Vida de intimidade com Maria de modo a alcançarmos, com a sua ajuda, a inefável experiência do vosso amor de Cristo. (Laudes).
- Perseverança unânime na oração (Laudes).
- Ensina-nos a orar para que, perseverando em oração com Maria, guardemos no coração a vossa Palavra e a anunciemos aos irmãos (II Vésperas).
- Amemos a pureza de coração para alcançarmos a contemplação da glória de Deus (II Vésperas).

No contexto da vida carmelita, bem delimitada na Regra, ela é modelo acabado da nossa consagração a Jesus no Carmelo; mas também a sua vida é *escola e guia* que conduz necessariamente os membros da Ordem à união com Deus. Além disso, significa que a nossa consagração a Jesus passa por Maria; com Ela entramos e participamos no Mistério de Deus.

Vida Interior», mas que na realidade, os seus formulários não são mais do que uma reposição da liturgia carmelita, com as convenientes adaptações para toda a Igreja.

8. UMA NOVIDADE IMPORTANTE

A antífona do cântico evangélico *Magnificat* em II Vésperas, nas suas duas opções, apresenta uma feliz ocorrência. Está construída sobre as antífonas das grandes solenidades (Natal, Epifania, Páscoa, Pentecostes), que começam com o «*Hodie*» e que constituem o melhor comentário a toda a liturgia do dia: Hoje atualiza-se este mistério salvador. O Hoje, salvação em ato que nos proporciona a liturgia, é destacado nesta construção teológico-literária do texto (normalmente nas II Vésperas), quando a comunidade já viveu no mistério litúrgico da festa o mesmo Hoje de Jesus Cristo: «Cumpru-se Hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir» (Lc 4, 21); o «hoje tenho de ficar em tua casa» de Zaqueu (Lc 19, 5).

No caso da nossa principal solenidade mariana, a antífona em questão reproduz e atualiza o Hoje do testamento de Cristo na Cruz: «eis o teu filho»; «eis a tua mãe». Ou seja, o conteúdo salvífico que a liturgia do dia atualiza para a Ordem é a maternidade mariana sobre todos os irmãos de Jesus:

«Hoje a Virgem Maria foi-nos dada por Mãe. Hoje mostrou-nos a sua misericórdia. Hoje o Carmelo, iluminado com a solenidade de tão excelsa Virgem, exulta de alegria». (Antífona 1 *Magnificat*).

Enquanto a antífona 2, ainda insistindo no Hoje, não se inspira tanto nas leituras do dia; tem um tom mais familiar nos títulos que aplica à Virgem e à Ordem; parece apenas aproveitar o detalhe tradicional da invocação «Estrela do Mar» (tão querida por São Bernardo) e, como consequência, inspirando-se num texto do Vaticano II (LG 68), vê nela esse sinal seguro de esperança para o Povo de Deus e para a família do Carmelo:

«Hoje celebramos a solenidade da Virgem Maria, Mãe e formosura do Carmelo. Hoje os filhos do seu amor celebram os seus benefícios. Hoje a Estrela do Mar ilumina com a sua luz a sua família, como sinal de esperança segura e de consolação» (Antífona 2 *Magnificat*).

Considero um acerto e, além disso, um notável enriquecimento no património eucológico da Ordem ter colocado esses dois textos que se inspiram nas mais importantes e melhor construídas antífonas eclesiais das grandes solenidades do Senhor que marcam o ano litúrgico; com isso, dá-se um conteúdo salvífico bem específico e concreto à solenidade mariana mais importante do calendário carmelita. Assim, este dia não é apenas ação de graças pela proteção mariana sobre a Ordem; é, sobretudo, renovação, recordação, memória, atualização de sua maternidade sobre os irmãos de Jesus e, por isso mesmo, também sobre os irmãos da Ordem. Porque é Mãe de Deus, Mãe de todos os homens, ela também o é de todos os membros da família do Carmelo.

CONCLUSÃO

Quisemos reunir as modalidades da piedade litúrgica do Carmelo, onde tantos elementos convergem, a ponto de converter este âmbito litúrgico num «lugar teológico»

no qual se cultivam dimensões fundamentais da nossa fé. Mas isto é feito a partir da releitura da própria tradição e do próprio carisma em sintonia com os tempos da Igreja, recorrendo ao novo e ao antigo da frondosa árvore do Carmelo.

Embora de forma muito rápida, pudemos constatar que se tratou de uma boa aplicação da reforma litúrgica do Vaticano II, potenciando o tradicional, incorporando elementos atuais válidos, abrindo campo à criatividade litúrgica.

Espírito, poesia, vida, trabalho, apostolado, tudo converge nesta visão litúrgica da Virgem por parte da sua Ordem, que aqui se sente refletida no seu ser e agir. Numa palavra, o próprio carisma feito oração. Por isso, desde a oração de coleta («que cheguemos ao cume do monte da perfeição que é Cristo»), a Virgem Maria assume e resume, representa plenamente os componentes e os melhores elementos da espiritualidade carmelita. Santa Maria do Monte Carmelo é um título que para nós se divide noutros semelhantes, que significam pontos culminantes da própria tradição mística: desde a obra de João da Cruz, podemos invocá-la também como Santa Maria da Subida do Monte Carmelo, da Noite Escura, do Cântico Espiritual, da Chama de Amor Viva; desde de Teresa de Jesus, nada nos impede que a invoquemos também como Santa Maria do Caminho da Perfeição, das Moradas, das Fundações; e até poderíamos rezar-lhe como Santa Maria da História de uma Alma (Teresa de Lisieux); Santa Maria do Vedrá ou das Minhas Relações com a Igreja (Francisco Palau); Santa Maria da Ciência da Cruz (Edith Stein). E assim sucessivamente ... São como águas diferentes, mas que nascem todas da mesma fonte. De lá surgiram e para lá voltam como ao seu lugar natural.

A Oração da alma apaixonada de João da Cruz parece também refletir essa conivência entre Maria e a Ordem, pois fá-lo exclamar: «Meus são os céus e minha é a terra... e a Mãe de Deus e todas as coisas são minhas...» Assim, com esta liberdade e familiaridade, celebra-se e ora-se a Maria no Carmelo.